

TOM BURGIS

Autor de *A Pilhagem de África e Cleptopia*

O PAÍS



DOS CUCUCOS

**Onde os Ricos São
os Donos da Verdade**

«Tom Burgis
é um dos melhores
jornalistas de
investigação dos
nossos tempos.»

New Statesman

v o g a i s

Para a Delilah e o Fred

ÍNDICE

Parte I: Viver o sonho

Um	Verdades duramente ganhas	15
Dois	Descolagem	19
Três	Uma fornalha para o passado	25
Quatro	O anfitrião	55
Cinco	Proteção	59
Seis	O caminho certo	81
Sete	O Sr. XY	85
Oito	Fazer sentido	113

Parte II: «Quero Facilitar-lhe a Vida»

Nove	Duas cenas de um parque de estacionamento em confinamento	143
Dez	Bolismo	149
Onze	A pugilista	171
Doze	A fábrica de calúnias	179
Treze	Um golpe na reputação	193
Catorze	Um mundo de dor	207
Quinze	Declarações de verdade	219
Dezasseis	O próprio tecido deste país	235
Dezassete	Realidade	241
Notas		247
Agradecimentos		299
Índice de nomes		301

«A arma mais potente nas mãos do opressor
é a mente do oprimido.»

Steve Biko

Parte I

Viver o Sonho

Um

Verdades duramente ganhas

«Ainda bem que esta gravação mostra como estou irritado, porque você é um jornalista desonesto. Não tem uma ponta de honestidade. E espero que mostre esta gravação também aos seus editores antes de eles publicarem uma merda de um chorrilho de mentiras.»

Mohamed Amersi está extremamente zangado. Eu não estou a fazer o que ele quer que eu faça. Mohamed apenas quer que toda a gente faça o que ele quer. Aceitar que o que ele diz que aconteceu foi o que realmente aconteceu. Que ele é quem diz ser. E depois ele poderá voltar à sua filantropia.

Estamos sentados a uma mesa de reuniões nos escritórios dos advogados de Amersi em Londres. O simples nome da sociedade — Carter-Ruck — chega para induzir um violento ataque de nauseante ansiedade nos jornalistas. Nigel Tait, o mais formidável dos seus sócios, disse uma vez que lhe dá pica suprimir a liberdade de expressão. Carta após carta após carta (ao jornalista, mas também aos seus editores, e, por vezes, apenas aos seus editores, para deixar bem claro que o jornalista não é de confiança)

ameaçando com processos judiciais de custas inimagináveis. Isso costuma resolver o problema. O livro, o artigo, o documentário, desaparecem da vista, se é que alguma vez estiveram à vista. Se estes denunciadores, estes mercadores de má-língua, estes porcos charlatães desafiarem os seus clientes, Tait fará com que eles passem meses, anos, nos tribunais. A ação judicial que ele conceber declarará guerra às suas reputações, às suas carreiras, ao seu sono. E financiá-lo não será um problema: os seus clientes têm tendência a possuir quantidades inesgotáveis de dinheiro.

Nigel Tait é o advogado de Mohamed Amersi. Está algures no edifício, suponho. Nesta sala, como acordado, estou só eu e Mohamed. Mais um objeto de arte corporativa que parece um ovo a chocar, um prato das melhores bolachas de chocolate e uma dúzia de pastas azuis. Nelas, segundo me foi dado a entender, residem as provas de que Mohamed Amersi tem razão acerca de tudo.

Ao longo de dois anos e meio tenho estado a tentar perceber quem é realmente este homem. Desde que ouvi pela primeira vez que um doador importante do partido no governo — os Conservadores — contratara Nigel Tait para perseguir uma ex-deputada. A ofensa de Charlotte Leslie foi ter feito perguntas sobre Amersi, sobre o seu passado, sobre como ele tinha ganhado o dinheiro com o qual estava agora a comprar acesso às pessoas mais poderosas do Reino Unido (sim, Boris Johnson incluído). Amersi, no *site* da sua fundação de beneficência, é «um empreendedor, filantropo e pensador de ponta». Leslie andou a passear no Google e escreveu um memorando a sugerir que talvez houvesse mais para descobrir sobre a história do homem. Nada de revelações bombásticas, de esqueletos no armário ou de provas

irrefutáveis, nenhuma alegação do tipo de grande criminalidade que se diz estar por trás de muitas grandes fortunas; apenas algumas discrepâncias aparentes entre as suas palavras e os seus atos, mais alguns vestígios de acordos empresariais — nada sequer de incomum — na antiga União Soviética. Porquê, então, perguntei-me, teria ela gerado uma resposta tão agressiva de Amersi?

De Mayfair a Katmandu, fui à procura do verdadeiro Mohamed Amersi. E, enquanto o fazia, senti que a sua história ressoava com uma outra maior. Uma vez vista, vemola por todo o lado. O Partido Comunista chinês a intimidar revistas científicas respeitadas para retirarem investigações sobre a origem da covid-19. Um primeiro-ministro do Reino Unido em exercício e um presidente dos Estados Unidos da América recém-substituído, respetivamente, a demitir-se por ter mentido e a enfrentar tempo de prisão por mentir. Tropas de Putin capturadas na Ucrânia a dizer que vieram libertar os seus irmãos de língua russa da aniquilação pelos nazis em Kyiv. Hannah Arendt teria reconhecido o que está a acontecer. Por todo o lado, os poderosos estão novamente a reclamar o maior de todos os prémios: serem donos da verdade. O poder de escolher o que querem que a realidade seja e de impor essa realidade ao mundo.

Há poucos dias enviei a Amersi uma longa lista do que soube sobre ele ao longo destes dois anos e meio. A carta que recebi em retorno de Nigel Tait e dos seus comparsas convidava-me a ir aos seus escritórios. Nesta manhã, uma sexta-feira húmida de julho de 2023, avanço pela Chancery Lane abaixo, passando ao lado das torres de vidro dos escritórios de advogados, brilhando como dentes resplandecentes num sorriso perfeito. No caminho vou a ouvir uma

entrevista com Andrew Malkinson. Acabou de ser libertado ao fim de dezassete anos de prisão por uma violação que outro tinha cometido. «Estive em choque total durante os primeiros anos, não foram semanas mas sim anos, a tentar compreender o facto de que o mundo acha agora que sou esta pessoa, mas eu não sou esta pessoa. Contemplei muitas vezes o suicídio.» Embora a sua condenação fosse claramente errada, o entrevistador perguntou-lhe se alguma vez fez o que muitos prisioneiros que iniciam longas penas de prisão a defender a sua inocência fazem, que é desistir ao fim de algum tempo. «Não. Não, não, não. A verdade é o mais fundamental. Sempre tive interesse pela ciência e pela matemática e por essas coisas. São verdades fundamentais, ganhas a custo.»

Segundo me é dito, estou prestes a ver outra injustiça desvendada. O que ouvi sobre Mohamed Amersi está errado. Se, como ele me explica, eu não for demasiado burro para perceber, ele vai esclarecer tudo. Quer ajudar-me. Para que, quando me sentar a escrever este livro, ele não esteja cheio de mentiras, afirmações tendenciosas, asneiras fiadas* e desinformação transmitida por cabrões. Para que eu escreva a verdade.

* A expressão [no original] «hogshit» parece ser uma palavra composta, forjada num momento de raiva, combinando dois dos outros termos preferidos de Mohamed para as informações que lhe desagradam, «bullshit» e «hogwash». No final deste livro encontram-se notas alargadas que explicam as bases de todos os factos significativos aqui reproduzidos, incluindo o que as pessoas dizem e pensam. As fontes são identificadas pelo nome ou, para sua protecção, descritas o mais completamente possível sem as tornar identificáveis. Citam-se documentos corroborativos. No que diz respeito às interjeições de Amersi, recorri a notas de rodapé, no caso de o leitor ser tão estúpido como eu e precisar de assistência facilmente acessível quanto ao seu jargão técnico e a outras linguagens difíceis.

Dois

Descolagem

Quem é que Mohamed Amersi quer ser? Quer ser o homem que deverá embarcar no avião particular com descolagem prevista da base da RAF de Northolt no domingo, 20 de janeiro de 2013. Um avião particular que transportará Mohamed Amersi para o seu lugar bem merecido entre os maiores nomes do país.

Tudo está a postos. O pessoal de Ben Elliot tratou disso.

Amersi adora Ben. Como pessoa: a sua decência, o seu afeto. A sua amizade. O Ben compreende o que estou a tentar fazer, acha Amersi. Nada disto estaria a acontecer sem o Ben. É o próprio Mohamed que o diz. «A não ser que tenha alguém como ele para abrir estas portas, não é possível.»

Para os clientes da Quintessentially, não há nada que Ben não consiga arranjar. Quando as membranas mucosas de Madonna gritavam pelas propriedades calmantes do ulmeiro, o pessoal de Elliot enviou-lhe para Los Angeles, por avião, saquetas de chá do produto. Outros quiseram pinguins, pestanas falsas (e um cirurgião plástico para reparar os danos que a anfitriã de Saint Tropez fizera a si própria ao arrancar as originais), lamas, passes para os bastidores de concertos

de Beyoncé, uma bola de futebol autografada por Lionel Messi, pavões albinos.

Alto, bem-parecido, com o seu sotaque de Eton retrabalhado como um falso *cockney* londrino, Ben consegue fazer-nos entrar em sítios a que outros não chegam. Se queremos a Ponte da Baía de Sydney só para nós, o pessoal de Ben consegue-nos a Ponte da Baía de Sydney para podermos pedir alguém em casamento. Conseguem fechar ao público as portas das boutiques de alta-costura de Xangai para que a nossa mulher não seja incomodada enquanto vai às compras no dia de aniversário. Os clientes da Quintessentially fazem festas ao lado das pirâmides e jantam em icebergues. Se quiserem ficar em casa mas gostavam que a casa fosse a Batcaverna, então o pessoal de Ben constrói uma Batcaverna.

Mas nem mesmo Ben consegue controlar a meteorologia. Seria preciso ser Vladimir Putin, que envia jatos para semear nuvens, e Ben não é Putin. Quando Amersi se prepara na véspera da descolagem, a temperatura desce abaixo de zero graus. Depois da meia-noite, o ar enche-se de flocos de neve. Cobrem toda a pista da base de Northolt.

O que não tem remédio remediado está. Quando remediado está, às vezes tem de se ir no avião de carreira. British Airways até Glasgow. Ben iria acompanhá-lo, mas agora já não vai. O anfitrião de Amersi, o marido da tia de Ben, estará lá para o receber.

O avião voa para norte. Quão longe chegou o Mohamed de Mombaça! As raízes dos Amersi estendem-se por todo o velho império. Os seus antepassados, no Irão e depois na Índia, estavam no negócio de movimentar mercadorias. Muitas delas vinham de África. Por isso fazia sentido comercial para o avô de Amersi enviar o seu filho para o Quénia. Para Mombaça,

a cidade portuária à qual os ventos do Oceano Índico levaram centenas de comerciantes, escravagistas, missionários e invasores. Quando o pequeno Mohamed nasceu em 1960, o Quênia ainda era uma colônia britânica. Três anos depois veio a independência. Tinham sido necessárias décadas de rebelião para se desfazerem do governo colonial, mas os britânicos não se foram realmente embora. Por todas as antigas colônias havia petróleo para explorar, minas para escavar, armas para vender, mercados para abrir. E a velha terra-mãe estava disposta, por uma comissão apropriada, a receber as crianças prometedoras das famílias florescentes das antigas colônias, tais como os Amersi, a fim de as moldar.

A Escola Merchant Taylors foi fundada por pessoal das guildas quinhentos anos antes de o adolescente Amersi ter chegado em 1976. Uma geração antes, tinha sido arrancada ao centro de Londres e transportada para solo mais espaçoso no coração do decoro inglês, os Home Counties ao redor de Londres. O novo aluno de Mombaça, com o seu sotaque e a sua pigmentação e o seu nome islâmico, não era feito à imagem dos bispos e generais e tradutores de bíblias que o tinham precedido. Estava-se na Inglaterra dos ataques aos indianos e da Frente Nacional. A 20 de abril de 1968 — dia do oitavo aniversário do jovem Mohamed — Enoch Powell* profetizara um rio de sangue. Às vezes Amersi pergunta-se como teria sido a sua vida se o seu nome fosse John Smith, e se fosse um homem branco.

Porque se pode subir a escada toda até ao topo. Mas quando nos erguemos no cume, encontramos uma parede, uma parede que não se conseguia ver antes. E na parede uma única porta,

* Político britânico conservador de direita. [N. T.]

de carvalho e fechada à chave. Só se pode entrar se se tiver o direito de nascimento. Não se pode comprar a entrada.

Só que na verdade pode-se. É isto que Ben Elliot tem no bolso: a chave da última porta.

E porque não? O triunfo do capitalismo sobre o comunismo não nos ensinou que a riqueza é o emblema do valor? Que o dinheiro gravita em direção do mérito? E Mohamed Amersi ganhou dinheiro. Pode até dizer-se — e uma autoridade definitiva como o próprio Mohamed di-lo — que ele tem sido o principal consultor de fusões e aquisições no espaço das telecomunicações nos mercados emergentes. O mestre negociante.

Quando desembarcam em Glasgow, um motorista espera Amersi e a sua companheira. Não Annar, a rapariga de Mombaça com quem se casou em 1981, quando ainda não tinha 21 anos. Ao seu lado hoje está Nadia Rodicheva, uma beleza dezassete anos mais nova. Mohamed, pequeno e sempre bem-vestido, uma pluma grisalha de cabelo aparado sobre as suas feições de falcão, senta-se ao lado dela no carro. Já não são apenas um queniano e uma russa. Estão prestes a tornarem-se alguém.

A viatura leva-os através de pitorescas quintas escocesas; passam pela vila onde nasceu Johnnie Walker, e um povoado chamado Moscovo. Mais perto, mais perto...

O pessoal de Ben tinha-lhe enviado o itinerário por e-mail alguns dias antes. Chegada. Encontro com o anfitrião. Anfitrião conduz pessoalmente uma visita à requintada mansão Georgiana, com os móveis Chippendale e as tapeçarias Gobelin que foram um presente, segundo uma passagem ficcional da história da velha casa, do Rei-Sol, Luís XIV. Chá. Descanso. Encontro para jantar às 18h30.

O carro entra na propriedade. Por entre as árvores, Dumfries House espreita como uma pérola. O jardim é um canapé de coníferas aparadas e relvados esculpidos. O cascalho da estrada ressoa sob as rodas. Uma dezena de degraus sólidos, suficientemente largos para o maior dos séquitos, leva a uma frontaria em pedra ocre coberta de chaminés prateadas. E lá dentro, pronto para receber os seus convidados, está Carlos.

Três

Uma fornalha para o passado

O outro Mohamed Amersi — aquele que Mohamed Amersi não quer ser — não embarcou no voo para Dumfries. Ficou para trás. Ficou para trás no passado.

O que o passado tem de especial, no entanto, é que está sempre a emboscar o presente, sempre a passar à frente da imagem como uma mosca à frente de um projetor. Manter o passado sob controlo é um esforço incessante. Às vezes pode-se queimá-lo. Às vezes pode-se comprá-lo. E é isso que um dos parceiros de negócios de Mohamed está a procurar fazer neste preciso momento, a 6 de setembro de 2004, por trás das pesadas cortinas de veludo de um salão privado no hotel Ritz.

«Vou estar por aqui 47 minutos», diz Jeffrey Galmond. «Mais ou menos uma hora. E depois vou a correr para outra reunião. Tenho reuniões amanhã o dia todo. E depois tenho reuniões na quarta-feira. Na quinta-feira, acho, já cá não estou. Estou sempre a andar. Fico no mesmo sítio dois ou três dias e depois vou para outro lado. Não faço reservas antecipadas. Uso muitos aviões privados. Vêm de outro país, vêm-me buscar e levam-me para outro lado.»

A edição da véspera do jornal *The Observer* declarou que Jeffrey Galmond é o que ele quer ser: «O mais recente conquistador do Leste Selvagem». Um bilionário. «O advogado de 54 anos montou um escritório de advocacia de algum sucesso na Dinamarca antes de começar a aconselhar numerosos clientes europeus sobre investimentos na Rússia no início dos anos 1990. Os pormenores da sua carreira posterior não são muito conhecidos, mas parece ter-se rapidamente tornado ele próprio um investidor em série, mergulhando sagazmente nos mercados de imobiliário e telecomunicações da Rússia.» O jornalista aponta: «A história de Galmond é tanto mais notável por ter sido tão pouco reconhecida até agora.»

Jeffrey Galmond revelou a sua história notável no longo depoimento que foi forçado a fazer depois de um russo rico o ter acusado de não ser quem diz ser. Sob juramento, descreveu nesta declaração juramentada como se tornou um titã da indústria russa de telecomunicações sem ninguém dar por isso. «Manter um perfil discreto ajudou-me neste processo», afirma. «É minha firme convicção, e diria até que é uma pura questão de bom senso, que apreçoar as nossas atividades pelas ruas e sinalizar as nossas intenções ao conduzir negócios equivale a procurar sarilhos. Convida à inveja, à animosidade e à concorrência.»

Felizmente para Jeffrey, fazer negócios com o homem que ele diz ser pode ser lucrativo. O quinhão de Mohamed Amersi será de quatro milhões de dólares.

Costumava ser mais fácil gerir o passado. Antes de a informação se tornar digital. O papel era muito mais inflamável. Basta ver o russo à nossa frente, no dia 5 de dezembro de

1989, numa vivenda de cor creme junto à margem norte do rio Elba, a atirar documentos para uma fornalha.

Tem o pescoço grosso de um campeão de judo, embora quatro anos de cerveja alemã lhe tenham dado uma barriguinha. Uma rígida risca ao meio divide o seu cabelo macio. O modo como os seus lábios se contraem nos cantos parece indicar que está a suprimir um sorriso malicioso. Mas não perde tempo com a incineração, não tem tempo para apreciar algumas das palavras secretas impressas nestas páginas secretas. Lá fora, as multidões comprimem-se contra os portões. Semanas antes, em Berlim, o muro veio abaixo. O russo sabe que o seu tempo aqui em Dresden chegou ao fim.

Desde que era rapaz que tinha querido esta vida, pertencer ao clube mais exclusivo da União Soviética: o KGB. Tirá-lo-ia da labuta diária de Leninegrado, do apartamento comunitário com as ratazanas e a retrete abominável. Iria torná-lo um autor de eventos. Um espião, disse a si próprio, um espião pode decidir o destino de milhares. Durante todo o seu curso de Direito, esperou o telefonema. A mão no ombro. Acabou por chegar. E, com ela, a possibilidade de ser outra pessoa.

Os recrutados tinham todos pseudónimos. Mantendo apenas a primeira letra do nome verdadeiro, como uma lembrança de quem eram realmente. Platov era o dele. As outras pessoas em quem se tornaram podiam deixar os comuns para trás, sair do reino dos muitos para entrar na zona dos poucos. «Ninguém pode vir aqui», disse um dia a um amigo, quando as suas credenciais do KGB lhes deram acesso a uma velha igreja para verem o seu magnífico altar. «Mas nós podemos.» Bilhetes para todos os teatros, sem problemas. Até podiam sair do país.

Lyudmila estava grávida do segundo filho quando partiram de Leninegrado. Ela gostou de estar aqui em Dresden. O motorista, os piqueniques com os tipos da Stasi. O apartamento da família fica ao lado dos escritórios do KGB. Ele vai almoçar a casa todos os dias e vê o rosto oval dela, os grandes olhos acentuados pelas pestanas longas e escuras.

O desempenho profissional do russo é monitorizado como a produção de uma fábrica ao abrigo de um Plano Quinquenal. É medido pela «quantidade de unidades de informação realizadas». Hoje, a informação está a ser des-realizada. Os documentos mais valiosos foram enviados para Moscovo. Outros foram enterrados. Os restantes, às mãos-cheias, estão a ser atirados às chamas, por ele e pelos seus colegas. Ele tem de fazer um juízo de especialista sobre o valor de cada dossiê, medindo-o de acordo com o seu perigo. Um segredo é como uma passagem escondida por baixo da nossa cidadela. Pode ser a nossa salvação. Se o nosso inimigo a descobre, pode ser a nossa ruína.

A multidão cresce. Ele consegue ouvi-la. Aqui em Dresden, tal como por todo o império soviético, a realidade preva-lente está a ruir. O russo cresceu num sistema que funcionava a *vranyo*, uma expressão que se define assim: «Você sabe que eu estou a mentir, e eu sei que você sabe, e você sabe que eu sei que você sabe, mas vou em frente na mesma com cara de pau e você faz que sim com ar sério e toma notas.» Pediu orientações ao quartel-general do KGB. Não chegou nenhuma resposta. Moscovo está silenciosa.

Vladimir Putin atira mais documentos para o fogo. Mais e mais até a fornalha explodir.

No regresso a Leninegrado, Lyudmila odeia as filas. Diz-se que os capítulos da história estão a acabar e a começar, mas está

tudo na mesma. As prateleiras vazias, os cupões, os cartões de racionamento. Não têm poupanças — em Dresden gastaram o salário do KGB no carro. Pelo menos têm a máquina de lavar roupa que os vizinhos alemães lhes deram antes de se virem embora.

O marido arranjou uma nova maneira de ganhar dinheiro: a política. Estabeleceu-se como homem de mão de Anatoly Sobchak, líder dos democratas da cidade. Putin faz a ligação entre este professor de Direito e as forças de segurança. Quando os tanques dos comunistas da linha dura se aproximam da cidade, Putin passa a noite toda a negociar com eles. O golpe falha; a transição para uma coisa chamada «capitalismo» continua.

Leninegrado torna-se mais uma vez São Petersburgo. Sobchak é o presidente da câmara, Putin o seu adjunto. Montam os seus escritórios no velho quartel-general soviético. Putin instala um camarada do KGB chamado Igor Sechin, veterano dos conflitos da Guerra Fria em Angola, a guardar a entrada. No prego onde estava pendurado o retrato de Lenine, Putin escolhe pôr não a habitual imagem do presidente recém-eleito, Boris Yeltsin, mas uma gravura de um imperador, Pedro, *o Grande*.

Quando Putin é chamado à capital, Lyudmila ainda está a recuperar do acidente. O sinal estava verde. Ela não viu o carro que bateu no dela. Felizmente só na parte da frente: Katya estava a dormir no assento de trás. A criança apenas ficou com umas nódoas negras. Lyudmila desmaiou. Quando acordou, agarrou um mirone e deu-lhe o telefone para ligar a Sechin. O hospital público a que a ambulância a levou estava cheio de mortos e moribundos. Cadáveres em macas, deixados ao deus-dará por um Estado que se tinha desmoronado.

Só quando a levaram para o hospital militar uma radiografia revelou a fratura na espinha e o crânio partido. Ficou lá dois meses. Passariam três anos antes de se voltar a sentir normal.

Apaixona-se por Moscovo. Parece ser um sítio onde a vida acontece a todo o vapor. Putin é promovido todos os anos. Primeiro à administração presidencial de Yeltsin, depois novamente ao KGB — agora chamam-lhe FSB — como diretor. Depois secretário do conselho de segurança, depois primeiro-ministro em 1999.

Que estranho, pensa Lyudmila, estou casada com um homem que ainda ontem era um desconhecido vice-presidente da câmara de São Petersburgo e agora é primeiro-ministro. Passados poucos meses, é presidente. Putin leva Lyudmila a sítios onde os outros não podem ir. Abrem a garrafa de champanhe do Ano Novo num helicóptero sobre a Chechénia. Mas ela e os miúdos veem-no cada vez menos. Como quando os miúdos querem que ele veja com eles o novo filme que adoram. Aquele em que se engole um comprimido azul, caso contrário a realidade implode. *Matrix*. Ele diz que não tem tempo.

Por estes dias, Putin tem as melhores companhias. «Achei-o muito direto e de confiança», declara George W. Bush depois de o conhecer. «Tivemos um diálogo muito bom. Consegui fazer uma ideia da sua alma; um homem profundamente empenhado no seu país e nos melhores interesses do seu país.»

Tanta atenção pode ser desagradável para Lyudmila. É desagradável quando os *media* escavam no seu passado. É desagradável, diz ela, quando mentem. A vida da família tornou-se um espetáculo. O marido ainda tem os seus segredos, claro. Toda a gente os tem. Um deles inclui a própria Lyudmila. Durante algum tempo depois de se mudarem para Moscovo, ela vai trabalhar para uma empresa de telecomunicações.

Sai antes de Putin se tornar presidente em 1999, mas a empresa continua a gozar da aura de associação ao grande homem. Uma vez Putin no Kremlin, torna-se uma das empresas mais valiosas do país. O seu dono continua anónimo, escondido sob uma empresa-fantasma. Até que, em 2004, a ilusão acaba e dela emerge um dinamarquês até então despercebido, o novo conquistador do Leste Selvagem, Jeffrey Galmond.

Ser o novo conquistador do Leste Selvagem tem as suas vantagens. Os aviões particulares, as reuniões no Ritz.

«Isso é realmente maravilhoso», diz James Hatt, ao ouvir Jeffrey Galmond descrever a sua existência no *jet-set*.

«Como?»

«Maravilhoso», repete Hatt, que marcou esta suite privada para aliviar as preocupações de Galmond quanto a possíveis bisbilhoteiros. Fala com a precisão sonora do advogado inglês que costumava ser. «Estou muito feliz por si. Deve levar uma vida ótima.»

«Não queria estar no meu lugar», diz Galmond, cujo bigode, como o resto do seu cabelo, está mais branco do que era em São Petersburgo.

«É verdade», diz Hatt. «Não queria. Não quero estar no seu lugar. E eu tinha uma vida sossegada, confortável, muito feliz. Uma vida muito diferente. E, de repente, um belo dia, a minha vida complicou-se.»

Como muitos outros banqueiros e advogados e consultores ocidentais, em plena queda da União Soviética, James Hatt foi para a Rússia fazer negócios. Acabou nas telecomunicações. Ao fim de uma década, mudou-se para o Massachusetts, nos Estados Unidos, para fazer o que realmente queria: estudar para ser psicanalista. Tem estado a ler sobre o conceito de

«clivagem» de Jung, o modo como somos capazes de ser duas pessoas ao mesmo tempo. E depois, um belo dia, o passado bateu-lhe à porta, sob a forma de um homem chamado Tim que pedia a Hatt que se encontrasse com a Kroll. Os agentes da indústria de espionagem privada não vão à nossa procura por quererem saber o que achamos de Jung. A Kroll foi contratada pelo russo rico que está a tentar provar que Galmond não é quem diz ser.

Li o seu depoimento, diz Hatt a Galmond. O longo e mal-fadado depoimento. Valha-me Deus, é só buracos. Os espões da Kroll estão muito interessados nele. E encontraram Tony Georgiou, outra personagem do passado que Hatt e Galmond têm em comum. Tony Georgiou também não acredita na história de Galmond. A crítica de Georgiou ao relato de Galmond é ainda mais franca do que a de Hatt: chama-lhe «fabricado». E, em consequência, ele redigiu o seu próprio depoimento.

Apreciador de charutos e caviar, herdeiro de uma empresa de mobiliário italiana, Tony Georgiou tinha estado em São Petersburgo a decorar hotéis de luxo no final dos anos 1980 quando, à espera numa fila de dez horas para usar um telefone no hotel Astoria durante 4 minutos com um custo de 45 dólares, viu uma oportunidade. Gorbachev estava a abrir a economia. Georgiou decidiu abrir uma empresa de telecomunicações. Os seus sócios apresentaram-no aos novos governantes de São Petersburgo. Georgiou conheceu Sobchak, o carismático presidente da câmara, e o seu imperscrutável adjunto, Vladimir Putin. E ouviu falar de um jovem funcionário que todos diziam estar destinado a um grande futuro.

O rosto amigável e os modos simpáticos de Leonid Reiman distinguiram-no dos *apparatchiks* impassíveis que desdenhavam e desconfiavam dos capitalistas estrangeiros. Por contraste,

com Reiman eles conseguiam lidar. A mãe dele era professora de inglês e Reiman dominava a língua de modo impecável; detetava *nuances* que só os falantes nativos notavam. Georgiou combinou encontrar-se com ele no Astoria. A inteligência do jovem russo, a sua capacidade de compreender mecanismos corporativos intrincados — estas qualidades, instantaneamente evidentes, demonstravam a Georgiou que tinha encontrado o seu homem.

Embora não fosse formalmente o chefe dos funcionários que geriam o sistema público de telefones de São Petersburgo, Reiman estava claramente no comando. Georgiou cultivou-o. Um convite para uma festa de Natal em Londres. A promessa da proximidade ao esplendor ocidental que chamava quando Georgiou citava um nome, como o do seu amigo lorde Beaverbrook, tesoureiro do Partido Conservador.

Em troca, Georgiou pretendia uma licença de telecomunicações. A estrutura soviética não tinha sido desmantelada, antes desajeitadamente adaptada ao capitalismo. Uma licença de telecomunicações exigia dezasseis assinaturas. «O Sr. Reiman», escreveu Georgiou na sua declaração, «conseguiu levar o documento aos funcionários ministeriais relevantes e garantir que, a todos os níveis, os envolvidos eram persuadidos a assinar. Embora eu não tenha estado envolvido, creio que isto teria implicado que o Sr. Reiman pagou uma “comissão” apropriada a cada um dos responsáveis em troca da sua ajuda. Devo acrescentar neste ponto que é um mero facto da vida de fazer negócios na Rússia ser necessário cuidar de todos aqueles cuja ajuda nos é necessária. O Sr. Reiman pareceu ser perito em “mexer os cordelinhos” e não tinha quaisquer remorsos em fazê-lo. Disse-me quanto custaria e eu forneci o dinheiro.»

O próprio Reiman, funcionário público na casa dos 30 anos, recebeu um milhão. A 12 de outubro de 1992, Georgiou transferiu o pagamento para a conta bancária suíça de Reiman. «Perguntei se o Sr. Reiman, enquanto funcionário do Estado, podia receber legalmente um tal pagamento», afirma Georgiou na sua declaração, «e foi-me garantido que se tratava de um acordo privado e que não era proibido pela lei russa.» Os últimos pagamentos eram para «gente sem cujo apoio a licença não seria emitida». Georgiou não sabia quem eram todos estes poderes misteriosos. O seu depoimento não regista se existiu algum incentivo para o responsável de topo que aprovou a mudança na propriedade das ações da PeterStar, a empresa de telecomunicações. Originalmente, os proprietários eram o próprio Georgiou e o povo russo. Mas os interesses do povo russo foram transferidos para uma empresa privada incorporada na Ilha de Man, detida por um único cidadão russo, Leonid Reiman. Consegui-lo exigia o consentimento do presidente da comissão de relações estrangeiras de São Petersburgo. O presidente assinou simpaticamente o seu nome: Vladimir Putin.

Putin manteve Reiman próximo. A empresa de telecomunicações onde Lyudmila trabalhava quando os Putins se mudaram para Moscovo é a que Reiman fundou. Esta empresa tem estado a adquirir mais e mais ativos, tornando-se uma das maiores companhias de telecomunicações russas. Ao início, pertencia ao povo russo. Mas, tal como a sua participação na PeterStar, também esta mudou discretamente de mãos. Pertence agora a uma empresa privada no Luxemburgo chamada First National Holding. Não existe qualquer identificação pública do seu proprietário. Mas no seu depoimento, Jeffrey Galmond desmascarou o ser humano por trás da First

National Holding: ele próprio, Jeffrey, conquistador do Leste Selvagem. E isto é bastante desconcertante para James Hatt, sentado com Galmond, tendo por trás as pesadas cortinas de veludo do Ritz.

«Leonid Reiman teve sempre o controlo da First National Holding», diz Hatt. «Nós sabemos a verdade. A realidade.» E esta realidade é agora bastante importante. Porque, por estes dias, Leonid Reiman é ministro das telecomunicações do presidente Putin. Supervisiona uma indústria no valor de incontáveis milhares de milhões, os alicerces do Estado de vigilância de Putin, e na qual, se Hatt estiver certo, o próprio Reiman detém em segredo uma enorme participação ilícita.

«Quando o Leonid se tornou ministro e foi para Moscovo», recorda Hatt a Galmond, «nós estávamos juntos em São Petersburgo. O Leonid telefonava-lhe à 1h da manhã, porra. E se estava em São Petersburgo costumava vir ter connosco à porra da 1h da manhã. Lembra-se das noites que passámos juntos? Não admira que eu nunca tenha ido para a cama com ninguém em São Petersburgo. Estava sempre na porra do seu escritório.»

«No sofázinho vermelho», diz Galmond.

«No sofázinho vermelho.»

«Pois, sim», diz Galmond. «É verdade.»

Mas se Jeffrey Galmond não é quem diz ser, então quem é? Tony Georgiou afirma no seu depoimento que na década de 1990 Galmond era um simples advogado — «arrogante e não especialmente inteligente» —, cuja mulher calhava ser próxima da de Reiman. É disso que Hatt se lembra também: que Jeff Galmond foi um dos advogados que ajudou Leonid Reiman a montar e gerir secretamente o seu império de telecomunicações. Estava lá, diz Hatt a Galmond. Estava lá

quando redigimos os documentos que descreviam os proprietários da PeterStar de modo a disfarçar com elegância a participação de Reiman. Os detentores, aponta Hatt, eram descritos como «pessoas interessadas em telecomunicações no noroeste da Rússia». A documentação, observa Hatt, não dizia «Eu, Jeffrey Galmond, sou o dono».

«Certo», diz Galmond.

É exatamente deste tipo de coisas de que os espões da Kroll andam à procura. «Estão a desmontar o seu depoimento», diz Hatt a Galmond. «Isto é uma questão importante.»

«Para quem?», pergunta Galmond.

«Para si», responde Hatt.

É verdade, este escrutínio da galáxia de empresas que Galmond supostamente detém é muito importuno. Mesmo as autoridades das Bermudas, habitualmente um dos sítios onde se pode manter mais facilmente a camuflagem corporativa, estão a analisar as empresas que ele ali criou. Estão constantemente a fazer-lhe perguntas. Porque está a fazer este pagamento? De onde vem o dinheiro? Não posso mexer um cêntimo, queixa-se, uma porra de um cêntimo, sem ter de apresentar um dossiê que nunca mais acaba.

Os espões estão a aproximar-se. Querem demonstrar que Jeffrey Galmond é um testa de ferro que esconde um imenso esquema de corrupção no interior do regime de Putin. Mas ainda há quem confie na palavra de Galmond, quem acredite que ele é quem diz ser, e que será assim capaz de se lhe juntar no seu enriquecimento. Conheceu há pouco uma dessas pessoas, chamada Mohamed Amersi.

Depois da Merchant Taylors, da universidade em Sheffield e Cambridge, de um prestigiado escritório de advogados,

o Clifford Chance, e de outro, o Jones Day (uma «estrela» do seu escritório suíço, diz a imprensa especializada), Mohamed Amersi já é uma personagem bastante impressionante quando conhece Jeff Galmond. E tem alguma experiência na Rússia: quando Yeltsin vendeu a economia soviética nos anos 1990, Amersi trabalhou numa oferta por ativos de telecomunicações. Conhece Deus e o diabo e toda a gente, acha Galmond; é astuto, inteligente. Voltam a ver-se em Londres e Dubai e St. Tropez.

Por esta altura, Amersi já abandonou a advocacia. Há uma maneira de monetizar esta capacidade que ele tem, a capacidade de fazer toda a gente sentir que ele está do seu lado. Ser aquilo a que se chama um «negociante». É assim que Mohamed se vê há muito. Foi esse o recente veredicto de um juiz do Tribunal de Alta Instância de Justiça.

O juiz Smith observou Amersi no banco das testemunhas. O caso foi aberto por dois ex-clientes do antigo escritório de Mohamed, o Jones Day: os irmãos Saab do Líbano, que alegaram que Amersi os traiu. Eles acharam que ele era o advogado deles num negócio imobiliário, mas ele estava também a trabalhar com o banco saudita do outro lado. Não, disse Mohamed ao tribunal, os Saab estão enganados, não houve nenhuma transgressão. O seu testemunho, concluiu o juiz Smith, era «duvidoso», «inacreditável», «extraordinário», «no geral insatisfatório», pormenorizado quando lhe convinha, mas vago quando não lhe convinha, e negado por correspondência contemporânea. No testemunho ajuramentado, observou o juiz, Mohamed negou ter discutido uma avença com um dos Saab a 14 de setembro de 1994. O advogado dos Saab apontou que o próprio caso de Amersi dependia de esta conversa ter tido lugar. Mohamed «fez então um novo

depoimento», registava o acórdão, «dizendo não apenas que agora se recordava da conversa de 14 de setembro, mas também apresentando provas pormenorizadas do que fora discutido relativamente à avença».

Ao olhar atentamente para a psique do homem à sua frente, o juiz concluiu que Amersi não via nada de errado no seu próprio comportamento. As falhas nos seus arquivos eram culpa da sua secretária, disse — a incompetente tinha problemas com os computadores do escritório. Quanto a um conflito de interesses, Mohamed cegou-se a si próprio. «Na realidade», considerou o juiz Smith, «o Sr. Amersi viu-se como um negociante». «Sentia-se tão atraído pessoalmente pela comissão do sucesso, pela dimensão da transação, que perdeu o devido sentido de objetividade» e «esqueceu-se de ser um advogado com deveres para clientes diferentes que poderiam criar conflitos. É evidente que ele pretendeu agir a favor de ambos os lados em diferentes momentos desta saga. Disso não existe dúvida.»

«Era um raio de um lavrador e é um cabrão de um lavrador e perdeu o emprego porque se comportou como um lavrador.»

Mohamed e eu estamos a começar. Fortificado com um iogurte rápido a caminho da Carter-Ruck, fico a ouvir a sua raiva a aumentar, a diminuir, e depois a aumentar.

«Desculpe, deixe-me só fazer uma pergunta, e sei que pode parecer uma pergunta estranha, mas porquê lavrador? Não compreendo o insulto», digo. «Porque é que ser um lavrador é mau?»

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA SOBRE UM MUNDO EM QUE OS RICOS PODEM COMPRAR TUDO — INCLUINDO A VERDADE



Para Vladimir Putin foi fácil. Ele pôde, no final da Guerra Fria, apagar o passado destruindo ficheiros na fornalha do seu posto no KGB. Mas na era de corrupção global que ele ajudou a criar, apagar o passado já não é tão simples. Cada transferência de dinheiro sujo deixa um rasto digital. A verdade mantém-se algures. E, todavia, o que os governantes desta ordem corrupta mais desejam é moldar a realidade à sua vontade e impô-la a todos.

Da autoria de Tom Burgis, jornalista premiado, *O País dos Cucos* é a história real de como os ricos e poderosos constroem um mundo falso. Do Kremlin a Katmandu, de bancos suíços até um retiro real na Escócia, o livro desenrola-se como um *thriller*, por vezes trágico, por vezes absurdo, expondo o custo arrepiante desta guerra à verdade.



**«O mundo aqui revelado é complexo e obscuro.
Escrever sobre ele é sinónimo de ser
observado, investigado e ameaçado
por advogados chocantemente caros.»**

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN 9789897878985



9 789897 878985 >